

**UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL
INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DO AMAPÁ
CAMPUS PORTO GRANDE
CURSO DE PEDAGÓGIA**

DORALICE FERREIRA DA SILVA

**O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC'S)
COMO FERRAMENTA MOTIVADORA NO PROCESSO DE ENSINO E
APRENDIZAGEM AOS ALUNOS DA EDUCACAO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

**PORTO GRANDE-AP
JUNHO/2022**

DORALICE FERREIRA DA SILVA

**O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC'S) COMO
FERRAMENTA MOTIVADORA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM AOS
ALUNOS DA EDUCACAO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)**

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia do
Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia
do Amapá – Polo: Porto Grande, como requisito para
a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia

Orientador: Prof. Me. Tiago Caminha de Lima

PORTO GRANDE-AP

JUNHO/2022

Biblioteca Institucional - IFAP
Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S693u SILVA, DORALICE
O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO
(TIC?S) COMO FERRAMENTA MOTIVADORA NO PROCESSO DE
ENSINO E APRENDIZAGEM AOS ALUNOS DA EDUCACAO DE
JOVENS E ADULTOS (EJA) / DORALICE SILVA - Porto Grande, 2022.
41 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -- Instituto Federal de
Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá, Campus Porto Grande, Curso
de Licenciatura em Pedagogia (EaD) - Polo Porto Grande, 2022.

Orientador: TIAGO LIMA.

1. Redes Sociais. 2. Ensino e Aprendizagem. 3. Qualidade de Vida. I.
LIMA, TIAGO, orient. II. Título.

Elaborada pelo Sistema de Geração Automática de Ficha Catalográfica do IFAP
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

DORALICE FERREIRA DA SILVA

O USO DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC'S) COMO FERRAMENTA MOTIVADORA NO PROCESSO DE ENSINO E APRENDIZAGEM AOS ALUNOS DA EDUCACAO DE JOVENS E ADULTOS (EJA)

Monografia apresentada ao curso de Pedagogia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Amapá – Polo: Porto Grande, como requisito para a obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia

Aprovado em: 02/07/2022

BANCA EXAMINADORA

Prof. Me. Tiago Caminha de Lima
Orientador
(Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Norte de Minas Gerais – Campus Almenara)

Prof. Esp. Ana Carolina Nunes de Azevedo
1ª Examinadora
(Universidade Federal de Sergipe)

Prof. Esp. Suzi Silva Ramalho Caminha
2ª Examinadora
(Universidade Estadual do Piauí – Campus Poeta Torquato Neto)

PORTO GRANDE-AP

JUNHO/2022

O homem erudito é um descobridor de fatos que já existem - mas o homem sábio é um criador de valores que não existem e que ele faz existir.

Albert Einstein

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar esse trabalho primeiramente a Deus, que foi a força motriz diante de tantos obstáculos.

E, seguidamente, a Minha família que é composta por meu esposo Cristiano Ramos, minhas filhas Isadora, Clarice e Graziella.

Minhas tutoras Nilva, Eloisa, Darleia e meus Orientadores Tiago e André.

RESUMO

A busca da máxima excelência no processo de ensino – aprendizagem permeia a preocupação de professores e especialistas nas reuniões, mesas redondas ou debates sobre a educação nos mais diversos contextos. Deliberar iniciativas, apontar pontos críticos possíveis otimizações e soluções dentro deste contexto, são os objetivos a serem buscados no bojo deste artigo. A pesquisa apresenta como objetivo geral: compreender a importância da utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Como objetivos específicos: a) discutir sobre o desenvolvimento dos principais conceitos relacionados as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's); b) entender a importância das práticas de ensino na modalidade da Educação de Jovens e Adultos; c) avaliar a importância de algumas ferramentas relacionadas as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. A pesquisa possui um cunho qualitativo. Pesquisa foi baseada a partir do levantamento e discussão e dados bibliográficos. À medida que o sistema educacional utiliza das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem há uma diminuição da exclusão digital, e do analfabetismo funcional, e desta forma a educação ultrapassa as paredes das salas de aula, os especialistas costumam estar de acordo com um ponto básico, o computador pode, sim, dar contribuições relevantes à sala de aula, mas tudo depende de como se faz o uso da tecnologia, nesse contexto a postura do docente muda, ele precisa ser instruído a ser mediador dessas novas tecnologias. E ter a consciência de que o bem-estar de seus alunos será um fruto colhido e que as sementes serão semeadas para sempre em uma tão sonhada qualidade de vida, o que para muitos será uma conquista.

Palavras-chave: Redes Sociais. Ensino e Aprendizagem. Qualidade de Vida.

ABSTRACT

The search for maximum excellence in the teaching-learning process permeates the concern of teachers and specialists in meetings, round tables or debates on education in the most diverse contexts. Deliberate initiatives, point out critical points, possible optimizations and solutions within this context, are the objectives to be pursued in the context of this article. The research has as a general objective: to understand the importance of using Information and Communication Technologies in the modality of Youth and Adult Education. As specific objectives: a) discuss the development of the main concepts related to Information and Communication Technologies (ICT's); b) understand the importance of teaching practices in the Youth and Adult Education modality; c) evaluate the importance of some tools related to Information and Communication Technologies (ICT's) in the Youth and Adult Education modality. The research has a qualitative nature. Research was based on survey and discussion and bibliographic data. As the educational system uses technologies in the teaching-learning process, there is a decrease in digital exclusion and functional illiteracy, and in this way education goes beyond the walls of classrooms, experts tend to agree with a basic point , the computer can indeed make relevant contributions to the classroom, but it all depends on how the technology is used, in this context the teacher's posture changes, he needs to be instructed to be a mediator of these new technologies. And to be aware that the well-being of their students will be a harvested fruit and that the seeds will be sown forever in a long-awaited quality of life, which for many will be an achievement.

Keywords: Social Networks. Teaching and learning. Quality of life

LISTA DE FIGURAS E QUADROS

Figura 1.	O celular e suas funcionalidades.	26
Figura 2.	Logotipo do Youtube e sua página principal.	32
Figura 3.	Algumas logotipo das principais redes sociais do mundo globalizado.	34
Figura 4.	Interface do aplicativo Instagram.	35
Figura 5.	Interface do aplicativo Instagram	36
Figura 6.	Interface do aplicativo WhatsApp.	37
Quadro 1.	Planejamento referente ao uso da televisão em sala de aula.	31
Quadro 2.	Planejamento referente ao uso do Youtube em sala de aula.	32

LISTA DE SIGLAS

BNCC - Base Nacional Comum Curricular

CEAA - Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos

EJA - Educação de Jovens e Adultos

FUNDEB - Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica

LDBEN - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

MEB - Movimento da Educação de Base

MOBRAL - Movimento Brasileiro de Alfabetização

PROEJA - Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio para Jovens e Adultos

PROJOVEM - Programa Brasil Alfabetizado

SNEA - Serviço Nacional da Educação de Adultos

TIC's - Tecnologias da Informação e Comunicação

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	12
2. TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: UMA BREVE DISCUSSÃO	15
2.1 Educação de Jovens e Adultos e as Práticas de Ensino	18
2.2 Educação de Jovens e Adultos: um breve histórico	19
2.3 As Práticas de Ensino e a BNCC (EJA).	21
3. FERRAMENTAS RELACIONADAS AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC'S) NA MODALIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS	25
3.1 O uso do celular como ferramenta motivadora no processo de ensino-aprendizagem	25
3.2 O uso da televisão no processo de ensino-aprendizagem dos alunos da EJA	29
3.3 O uso do Youtube e como ele se enquadra no planejamento do processo de ensino-aprendizagem dos alunos da EJA.	31
3.4 O uso das redes sociais e como elas se enquadram no planejamento do processo de ensino-aprendizagem dos alunos da EJA.	33
4. CONCLUSÃO	38
REFERÊNCIAS	39

1. INTRODUÇÃO

A busca da máxima excelência no processo de ensino – aprendizagem permeia a preocupação de professores e especialistas nas reuniões, mesas redondas ou debates sobre a educação nos mais diversos contextos. Deliberar iniciativas, apontar pontos críticos possíveis otimizações e soluções dentro deste contexto, são os objetivos a serem buscados no bojo deste artigo.

Como superar o tradicionalismo, enraizado no ensino das escolas públicas, não por culpa ou negligência dos educadores, muitas vezes é uma das poucas formas de se dar continuidade ao processo, mas sim por falta de assistência do poder público, que é o fomentador majoritário da educação em nosso país. É certo que existem inúmeros fatores externos à escola que fazem os estudantes evadirem, principalmente, os problemas sociais, mas não podemos deixar de lado a significância que os professores e a escola possuem nesse fato (LIBÂNEO, 2013).

Este fato está intrinsecamente ligado ao rendimento dos alunos e uma melhor abordagem sobre o tema pode trazer à tona perspectivas de como aguçar a criatividade e a forma de se aprender de alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA). Levantar estatísticas e apresentar as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) e suas vertentes para como se tornar o ensino mais atraente e de maneira não muito rebuscada, e de como estes fatores podem contribuir na melhoria da qualidade de vida de alunos da EJA, é a função deste trabalho.

O público-alvo desta pesquisa são professores, coordenadores pedagógicos, técnicos educacionais e alunos da Educação de Jovens e Adultos e os demais personagens dentro do ambiente escolar que utilizam os mais diversos recursos didáticos. Busca-se, dentro de outros artigos e livros, embasar, contrastar e justificar as ideias e pontos de vista levantados durante a execução deste trabalho. Sabendo-se que a literatura, enriquece ainda mais o contexto desta obra.

A modalidade de ensino da EJA precisa ser diferenciada do ensino regular. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996 - Lei 9.394/96) estabeleceu no capítulo II, seção V a Educação de Jovens e Adultos, artigo 37: “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou oportunidade de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.”

Essa definição da EJA esclarece o potencial de educação inclusiva e compensatória que essa modalidade de ensino possui, então, neste contexto, faz-se necessário o uso preciso e

racional de como fazer os alunos não desmotivarem e darem continuidade em seus estudos, se utilizando de ferramentas que possam fazer a diferença em seus aprendizados.

A utilização das TIC's pode fazer a diferença e neste trabalho buscar apresentar argumentos e teses de diversos autores e os confrontar para poder concluir se o uso racional e de forma técnica das TIC's pode ser o diferencial para um sólido aprendizado dos alunos da EJA. As Tecnologias da Informação e Comunicação podem ser o diferencial em um aprendizado sólido para os alunos da EJA? Como, para que e em que contextos pode-se inserir as TIC's na vida dos alunos da EJA? E quais recursos podemos utilizar no ensino da EJA?

A pesquisa apresenta como objetivo geral: compreender a importância da utilização das Tecnologias de Informação e Comunicação na modalidade da Educação de Jovens e Adultos. Como objetivos específicos: a) discutir sobre o desenvolvimento dos principais conceitos relacionados as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's); b) entender a importância das práticas de ensino na modalidade da Educação de Jovens e Adultos; c) avaliar a importância de algumas ferramentas relacionadas as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) na modalidade da Educação de Jovens e Adultos

O método escolhido para ser tratado neste trabalho foi o da pesquisa bibliográfica, pois este converge com o problema em questão. O estudo remeteu-se, sobretudo, a obras de teóricos e especialistas no assunto, contando assim, com conexões baseadas nas obras e pensamentos destes autores. Segundo entendimento de Gil (2010, p. 24) um trabalho que foi feito mediante pesquisa bibliográfica é aquele que se baseou em materiais já publicados, compostos especialmente por livros, revistas, artigos científicos, tese e por informações especializadas em sites. A partir da metodologia, baseada na leitura e o aprimoramento da revisão bibliográfica. As palavras-chave utilizadas para a busca foram basicamente: Redes Sociais, Ensino e Aprendizagem, Qualidade de Vida.

Tratando-se da relação professor/aluno, pode-se dizer que o educador regente sempre procura atender, na medida do possível, as dificuldades apresentadas pelos educandos, buscando sempre a obtenção de êxito nas diversas provas do conhecimento, tendo como exemplo no Exame Nacional do ensino Médio (ENEM).

A disciplina escolhida para se abordar as concepções presentes neste artigo, fica a critério do acadêmico ou do professor, pode-se utilizar, a disciplina de Geografia, por exemplo, pois ela é excelente para descrever as observações que são necessárias por fazer parte das disciplinas das áreas sociais e humanas, sendo mais direcionada e de fácil compreensão no dia a dia dos alunos.

A escola tem como concepção de educação a formação de agentes construtores de seu saber, pesquisador, criativo, autônomo, solidário, ético, capaz de identificar e propor soluções e de trabalhar em equipe, focando o processo de ensino-aprendizagem na superação do ensino técnico e propedêutico, legitimando os direitos garantidos na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN) – Lei 9394/96. Assim, a educação trabalhada no ensino médio objetivou, além de inserir seus alunos no ensino superior para prosseguimento em seus estudos e no mundo do trabalho, a sua formação integral. Em relação público-alvo dos recursos didáticos a serem apresentados, pode-se dar preferência as atividades com os alunos de quaisquer etapas da EJA. A primeira etapa pode ser a apresentação e definição do local de estágio, sendo mais viável optar pelo campo educacional dentro de um ambiente escolar.

2. TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO: UMA BREVE DISCUSSÃO

Dentro da realidade que se presencia em sala de aula, principalmente baseada em intervenções feitas no âmbito dos estágios supervisionados e até mesmo em meu conhecimento técnico e profissional, percebe-se que os alunos possuem diferentes níveis de assimilação de conteúdo. Sem falar da grande parcela de desinteresse e até mesmo falta de um ambiente tecnologicamente atrativo. Dentro deste contexto, há a contemplação de diversos assuntos relacionados ao âmbito da comunidade atendida, ou seja, é recorrente constatar-se que a concepção pedagógica que a escola adota, geralmente é a crítico social dos conteúdos, onde o aluno tem de saber mais da realidade que o cerca e principalmente, compreender seu papel enquanto agente social e o que é mais necessário aprender para que consiga uma significativa melhora em sua vida, o que se entende como a própria qualidade de vida. (LIBÂNEO, 1994, p. 24).

Outro ponto a se notar é a dificuldade na assimilação de alguns conteúdos, como os que envolvem cálculos matemáticos, há uma dificuldade de acompanhamento desses conteúdos apenas falado em sala de aula, por parte da maioria dos alunos da EJA, ou seja, nota-se a falta, dentre outros, do uso de materiais de tecnologias da informação e comunicação (TIC's), ferramenta está que poderia servir como uma grande facilitadora na abordagem dos assuntos e temas expostos pelos professores (CARBONE, 2013, p. 12).

A pedagogia crítico-social dos conteúdos encontra como grande defensor e propagador, no Brasil, as figuras de José Carlos Libâneo e Dermeval Saviani, grandes educadores que vivenciaram um período de mudanças dentro da redemocratização do país e da luta pela educação pública, gratuita e de qualidade para todos.

As teorias críticas da educação concebem a “[...] sociedade como sendo essencialmente marcada pela divisão entre grupos ou classes antagônicas que se relacionam à base da força, a qual se manifesta fundamentalmente nas condições de produção da vida material” (SAVIANI, 1989, p. 16).

A educação é compreendida como subordinada à estrutura social, e o indivíduo atentando-se cada vez mais, a romper as barreiras e encontrar nos estudos uma forma de se desvencilhar das desigualdades, fazendo da educação uma base para poder ir mais longe e deixar a figura oprimida da parte baixa da sociedade que o cerca. Para Aranha (1996, p. 82):

[...] a Pedagogia Crítico-social dos conteúdos, ou Pedagogia Histórica-crítica, busca: “Construir uma teoria pedagógica a partir da compreensão de nossa realidade histórica e social. Não que a educação possa por si só produzir a

democratização da sociedade, mas a mudança se faz de forma mediatizada, ou seja, por meio da transformação das consciências”.

Não há como se falar em qualidade de vida sem a pedagogia crítico-social dos conteúdos, uma vez que nesta concepção, o próprio autor nos faz notar que há uma busca em uma transformação social.

Esta transformação, logicamente está pautada em melhorias na vida das pessoas, sabendo-se que a educação também tem este papel de causar impactos sociais. A sua falta, então, é mais prejudicial, ainda. Podendo ocasionar um atraso na vida profissional e social das pessoas. O fruto da procura por uma vida acadêmica maior, ou seja, estender-se para os níveis mais elevados da ciência e da tecnologia, por exemplo, pode gerar, na vida do indivíduo, uma quebra no círculo de pobreza que sempre o circundou. Fazendo deste um vivente ao invés de um sobrevivente.

A escola, segundo a tendência pedagógica crítico-social dos conteúdos, tem como papel principal, o de formador cultural de difusão de conhecimento científico em saber escolar, compreendendo que o ensino, tem como características, a criação de modos e condições para o desenvolvimento da capacidade do aluno para colocar-se diante da realidade social em que vive a fim de refletir e atuar sobre ela, visando a transformá-la. De acordo com Aranha a pedagogia progressista deve ser vista como:

O esforço da pedagogia progressista se faz na direção de tornar a escola o local de socialização do conhecimento elaborado, possibilitando cada vez mais que as camadas populares tenham acesso à educação e, portanto, ao estágio atual do saber, mesmo reconhecendo os limites do empreendimento (ARANHA, 1996, p.211).

Segundo Azevedo (et al, 2013) deve-se compreender a escola como um espaço em que é possível a busca pela superação das desigualdades existentes na sociedade, afinal todos veem a escola como solução dos problemas sociais, então é necessário que lute por uma escola mais crítica. Daí a importância de professores capacitados e conscientes a respeito da educação como prática social transformadora, não apenas em relação aos conteúdos transmitidos, mas também à forma de ensinar, não esquecendo da realidade concreta vivida do educando.

De acordo com Luckesi (2003), o trabalho docente se relaciona com a prática vivida dos educandos com o conteúdo elaborado pelo próprio professor. A ação dos professores é de extrema importância na sala de aula, assim como o educando também tem seu papel fundamental, em confrontar a partir de sua experiência imediata os conteúdos propostos pelo professor tendo uma participação ativa e sucessivamente a interação ocorrerá de forma natural, progredindo trocas de conhecimentos mútuos, desse modo, o professor como mediador, deve

intervir para levar o educando a acreditar em si mesmo e alcançar os objetivos esperados pela educação. Segundo Luckesi os pressupostos de aprendizagem dizem que:

O professor precisa saber (compreender) o que os alunos dizem ou fazem, o aluno precisa compreender o que o professor procura dizer-lhes. A transferência da aprendizagem se dá a partir do momento da síntese, isto é, quando o aluno supera sua visão parcial e confusa e adquire uma visão mais clara e unificadora. (LUCKESI, 2003, p.72).

De acordo com Luckesi (2003), o professor deve saber assimilar e transmitir as informações aos seus alunos, ajudando-os no seu esforço de distinguir a verdade do erro e fazê-los compreender as realidades sociais e sua própria experiência, pois não há ensino centrado só no aluno e sim uma relação professor-aluno em busca de um projeto novo de sociedade.

Neste contexto, o de dificuldade de assimilação e aprendizagem dos alunos, e na forma de como o professor aborda e propaga seus conteúdos, pontos de vista, comentários e debates é que se pode encaixar o conceito e a utilização das tecnologias da informação e comunicação (TIC's). Podendo torna-las uma ferramenta de grande utilidade pelo professor em sala de aula, haja vista o conhecimento que os alunos trazem de casa e da vida, não serem mais os mesmos de antigamente. Agora, quanto melhor o professor abordar conceitos e tópicos relacionados a metodologia e assuntos, melhor e mais atentos e preparados serão seus alunos frente a disciplina dada.

As Tecnologias da Informação e Comunicação referidas abreviadamente como TIC's são consideradas como vertente e até mesmo nos remete de maneira sinônima às tecnologias da informação (TI). Entretanto, é um termo geral que chama a atenção para o papel da comunicação na moderna tecnologia da informação (Castells, 2009, p. 132).

Entende-se que TIC's consistem em todos os meios técnicos usados para tratar as informações e auxiliar na comunicação, em outras palavras, segundo Imbérnom (2010) as TICs correspondem a todas as tecnologias que interferem e mediam os processos informacionais e comunicativos dos seres. Ainda, podem ser entendidas como um conjunto de recursos tecnológicos integrados entre si, que proporcionam por meio das funções de software e telecomunicações, a automação e comunicação dos processos de negócios, da pesquisa científica e de ensino e aprendizagem.

Conforme Imbérnom (2010) as TIC's são utilizadas em diversas maneiras e em vários ramos de atividades, podendo se destacar nas indústrias no processo de automação, no comércio em gerenciamentos e publicidades, no setor de investimentos com informações simultâneas e comunicação imediata, e na educação no processo de ensino aprendizagem e Educação a

Distância. Pode-se dizer que a principal responsável pelo crescimento e potencialização da utilização das TIC's em diversos campos foi à popularização da Internet.

Em se tratando de informação e comunicação, segundo Oliveira e Moura *et al* (2015) as possibilidades tecnológicas apareceram como uma alternativa da era moderna, facilitando a educação com a inserção de computadores nas escolas, possibilitando e aprimorando o uso da tecnologia pelos alunos, o acesso a informações e a realização de múltiplas tarefas em todas as dimensões da vida humana, além de qualificar os professores por meio da criação de redes e comunidades virtuais. Sabe-se que, as mudanças com o aparecimento das tecnologias foram grandes e positivas para a sociedade, em relação à comunicação, ligação e convívio social. A Informática trouxe, além de inúmeros recursos tecnológicos, a esperança de melhorias no processo de ensino e aprendizagem.

As TIC's possibilitam a adequação do contexto e as situações do processo de aprendizagem às diversidades em sala de aula. As tecnologias fornecem recursos didáticos adequados às diferenças e necessidades de cada aluno. As possibilidades constatadas no uso das TIC's são variadas, oportunizando que o professor apresente de forma diferenciada as informações. Por meio das TIC's, disponibilizamos da informação quando precisamos, de acordo com nosso interesse. O termo TIC's é a junção da tecnologia ou Informática com a tecnologia da comunicação, a Internet é um ensinamento claro disso.

Conforme vê-se a todo momento, somos uma sociedade cada vez mais dependente da internet. Ela está enraizada em nossas vidas e em nossos cotidianos, saber, ao menos, como se usar os fundamentos metodológicos da internet, faz com que tenhamos uma vida mais plena e nos torna cidadãos do mundo, uma vez que temos as informações de todo o planeta e estamos inseridos nele, em tempo real. Esse fato nos remete ao conceito de qualidade de vida, muito buscada pela sociedade atualmente.

2.1 Educação de Jovens e Adultos e as Práticas de Ensino

Na primeira versão da Base Nacional Curricular Comum (BNCC), lançada em 2015, um fato que chamou a atenção foi a ausência de qualquer formulação referente à Educação de Jovens e Adultos (EJA), que é uma modalidade da Educação Básica. Muito útil, por sinal.

Nas concepções de DA SILVA, (2017 p. 155) Essa ausência tornou-se tema de debate em encontros com educadores da Educação de Jovens e Adultos em diferentes contextos. Ficou evidente que a BNCC, tal qual estava sendo proposta, era inadequada ao público da EJA.

Ainda que se pudesse pensar que os conteúdos destinados a todas as pessoas que se certificam nas diferentes modalidades da Educação Básica estes deveriam garantir a todos os mesmos direitos de aprendizagem – para usar os mesmos termos da BNCC – há outros elementos que precisam ser considerados para a garantia da equidade.

Não havia nenhum texto que problematizasse a especificidade da modalidade tendo em conta a diversidade de sujeitos que se matriculam nas escolas de EJA de todo o país. Seria necessário que se realizasse alguma reflexão com base nas experiências e conhecimentos já produzidos, sobre qual currículo seria adequado para pessoas que deixaram a escola e retornam a ela na fase adulta, tendo já acumulado experiências e aprendizagens significativas nos âmbitos pessoal e profissional.

Sabe-se que não faz sentido reproduzir um mesmo rol de conteúdos desenvolvidos ao longo de anos para crianças e adolescentes, uma vez que estas etapas já não se fazem da mesma forma necessárias para a aprendizagens de adultos, que não precisam aprender da mesma forma que as crianças.

Grande parte dos educandos da Educação de Jovens e Adultos são pessoas de baixa renda que já viveram sucessivas situações de exclusão, que pode ter relação com aspectos raciais, de gênero ou de falta de condições mínimas para permanecer na escola quando eram crianças. Como fazer essas pessoas terem novas oportunidades educativas ampliando suas possibilidades de alcançar novos projetos pessoais?

2.2 Educação de Jovens e Adultos: um breve histórico

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) vem evoluindo no Brasil desde a época de sua colonização com os Jesuítas das mais diversas ordens, onde eles se dedicavam a alfabetizar (catequizar) tanto crianças indígenas como índios adultos em uma intensa ação cultural e educacional, mesmo indo, muitas vezes, de encontro aos interesses dos colonizadores e bandeirantes (CARBONE, 2013, p. 111)

Segundo Miranda et al (2016) o objetivo principal era propagar a fé católica juntamente com o trabalho educativo. Entretanto, com a chegada da família real e consequente expulsão dos Jesuítas no século XVIII, a educação de adultos entra em falência, pois a responsabilidade pela educação acaba ficando às margens do império.

Somente a partir da década de 1930 é que a educação de jovens e adultos efetivamente começa a se destacar no cenário educacional do país, quando em 1934, o governo cria o Plano Nacional de Educação que estabeleceu como dever do Estado o ensino primário integral,

gratuito, de frequência obrigatória e extensiva para adultos como direito constitucional. Segundo FREIRE (2008) Em 1945 surgiram muitas críticas aos adultos analfabetos. Entretanto a luta com garra e dedicação por uma educação de qualidade para todos, fez com que a educação de adultos ganhasse destaque na sociedade.

A partir desse contexto a educação de adultos assumida através da campanha nacional do povo começou a mostrar seu valor. Através da campanha de Educação de Adultos, lançada em 1947, abre-se a discussão sobre o analfabetismo e a educação de adultos no Brasil. Nesta época cria-se o Serviço Nacional da Educação de Adultos (SNEA) voltado ao ensino Supletivo; surge a 1ª Campanha Nacional de Educação de Adolescentes e Adultos (CEAA), no intuito de reduzir o analfabetismo das nações em desenvolvimento; o 1º Congresso Nacional de Educação de Adultos e, posteriormente, em 1949, o Seminário Interamericano de Educação de Adultos. Nos anos 50 é realizada a Campanha Nacional de Erradicação do Analfabetismo (CNEA) e na década de 1960 o Movimento da Educação de Base (MEB).

Logo após, em 1967, o governo militar cria o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), com o intuito de alfabetizar funcionalmente e promover uma educação continuada. Na década de 70 destaca-se no país o ensino supletivo, criado em 1971 pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (nº. 5.692/71).

Nos anos 1980 foi possível implantar a Fundação Nacional para Educação de Jovens e Adultos (Fundação Educar), vinculada ao Ministério da Educação, que ofertava apoio técnico e financeiro às iniciativas de alfabetização existentes. Somente em 1996, surge a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) (nº. 9.394/96), que reafirma o direito dos jovens e adultos trabalhadores ao ensino básico e ao dever público sua oferta gratuita, estabelecendo responsabilidades aos entes federados através da identificação e mobilização da demanda, com garantia ao acesso e permanência (BRASIL, 1996).

Para Miranda *et al* (2016) o Governo Federal, em 2003, criou a Secretaria Extraordinária de Erradicação do Analfabetismo, lançando então o Programa Brasil Alfabetizado, nele incluídos o Projeto Escola de Fábrica (voltado para cursos de formação profissional), o PROJOVEM (com enfoque central na qualificação para o trabalho unindo a implementação de ações comunitárias) e o Programa de Integração da Educação Profissional ao Ensino Médio para Jovens e Adultos (PROEJA).

Já em 2007 o Ministério da Educação (MEC) aprova a criação do Fundo de Desenvolvimento da Educação Básica (FUNDEB), passando, todas as modalidades de ensino, a fazer parte dos recursos financeiros destinados à educação (BRASIL, 2007). No cenário atual,

a sociedade vê a juventude e o adulto analfabeto como sinônimo de problema e motivo de preocupação.

A educação de jovens e adultos (EJA) no Brasil é marcada pela descontinuidade e por tênues políticas públicas, insuficientes para dar conta da demanda potencial e do cumprimento do direito, nos termos estabelecidos pela Constituição Federal de 1988. Essas políticas são, muitas vezes, resultantes de iniciativas individuais ou de grupos isolados, especialmente no âmbito da alfabetização, que se somam às iniciativas do Estado.

O adulto analfabeto encontra-se, nos dias atuais, de mãos atadas ao defrontar-se com a sociedade letrada, onde a tecnologia é a “arma” mais usada e necessita de, no mínimo, saber manusear basicamente a tecnologia da comunicação para que, como cidadão, saiba lutar por seus direitos, pois ao contrário, torna-se vítima de um sistema excludente e pensado para poucos. até então, o que se viu foi a criação de programas, a curto prazo, que não garantem que os alunos deem continuidade aos estudos (FREIRE, 2008, P.44)

2.3 As Práticas de Ensino e a BNCC (EJA).

A Base Nacional Comum Curricular não poderia se furtar a minimamente propor está reflexão sobre os caminhos da construção de currículos para esse público que, enquanto demanda educacional, abrange dezenas de milhões de brasileiros que deixaram de frequentar a escola. Na segunda versão da BNCC, lançada em abril de 2016, houve algum esforço para incluir a EJA no texto curricular. Entretanto, a solução encontrada foi bastante artificial. Onde antes se lia “crianças e adolescentes”, passou a figurar “crianças, adolescentes, jovens e adultos”. Na prática, essa inclusão só ampliou um problema já existente, pois tornou ainda mais homogêneo o currículo, desconsiderando qualquer especificidade da Educação de Jovens e Adultos.

Para (SILVA, 2017) as modalidades da Educação Básica mereceriam pelo menos um capítulo especial que se dedicasse a problematizar essa especificidade, ou talvez, que reconhecesse que essa BNCC não se aplica a essa modalidade e que deveria ser produzido documento específico.

A solução encontrada apenas endossa o significado que gera exclusão da política de Educação de Jovens e Adultos no país, que com poucos recursos e baixo interesse de muitas gestões públicas, continua a fortalecer e fomentar a ideia paliativa de que educando as crianças desde a educação infantil, a EJA deixaria, aos poucos de ser necessária.

Ocorre, entretanto, que grande parte do público da Educação de Jovens e Adultos são as crianças e jovens que entram na escola e que, por diferentes caminhos no caso brasileiro, são

excluídas, tornando-se público da EJA. Da mesma forma, insiste em buscar educar os filhos sem olhar para as famílias, quando vários estudos, dentre eles o Indicador de Alfabetismo Funcional (INAF), mostram que filhos de pais escolarizados têm maior chance de terem um melhor nível de alfabetismo e de progredir nos estudos.

Na terceira versão da BNCC para o Ensino Fundamental, a EJA deixou de ser mencionada novamente, indicando que este documento não se aplicaria a esta modalidade. Com isso, a Base parece reconhecer a sua inadequação para a modalidade, sem realizar, contudo, qualquer outra proposição, tornando a EJA ainda mais marginal, uma vez que ela nem mesmo se insere no conjunto das políticas educacionais para a Educação Básica. Em abril de 2018 foi lançada uma nova versão da BNCC para o Ensino Médio e nela se repete o que ocorreu na última versão para o Ensino Fundamental: a completa ausência da EJA.

No texto introdutório menciona-se as várias modalidades em uma breve passagem, mas ao longo das propostas desenvolvidas para as áreas e componentes curriculares não há mais qualquer menção à modalidade. Neste contexto, cabe perguntar então qual o lugar da Educação de Jovens e Adultos em um país em que cerca da metade da população com 15 anos ou mais não concluiu nem mesmo o ensino fundamental (IBGE, 2020)

Na visão de (SILVA, 2017) evidentemente, a inclusão da EJA na BNCC não seria de pronto a solução para que tivéssemos avanços significativos na modalidade. Entretanto, a ausência completa de propostas e o esvaziamento da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do MEC (SECADI/MEC) a partir de 2016, com a chegada de Michel Temer à presidência, vêm apenas reforçando o lugar marginal da Educação de Jovens e Adultos no país.

Um passo a mais nessa direção se estabeleceu com a decisão do Conselho Nacional de Educação, de fins de 2018, que permite que 80% da carga definida para a Educação de Jovens e Adultos possa ser cumprida a distância. A Educação a Distância deve ser mais uma opção a ser oferecida aos jovens e adultos, levando em conta a diversidade de sujeitos e condições para retomar os estudos. Entretanto, o que se avizinha é a possibilidade de fazer cursos ainda mais baratos com participação da iniciativa privada e a redução da oferta de vagas em cursos presenciais para jovens e adultos nas redes públicas.

Segundo o (CENSO/IBGE, 2021) em muitas redes estaduais brasileiras assistimos a um processo de redução de matrículas, fechamento de turmas e investimentos cada vez menores na modalidade. Em 2007, o Brasil tinha 4.985.338 matrículas na EJA, que se reduziu para 3.598.716 em 2017. Em alguns estados, como São Paulo, a redução é ainda mais acelerada, pois

em 2007 eram 930.948 estudantes e, em 2017, 446.449, ou seja, menos da metade do que havia dez anos antes, conforme os dados do Censo Escolar.

Do ponto de vista curricular, os estudos recentes vêm indicando que não será possível avançar na Educação de Jovens e Adultos sem que se avance na construção de um currículo identificado com a diversidade de sujeitos demandantes da modalidade. Conforme indica Di Pierro:

O recuo na procura pelos cursos é atribuído pelos analistas, sobretudo, à precariedade e inadequação da oferta – considerada pouco atrativa e relevante, devido à abordagem estritamente setorial, ao despreparo dos docentes, aos rígidos modelos de organização do tempo e espaço escolar, e à desconexão dos currículos com as necessidades de aprendizagem dos jovens, adultos e idosos. (DI PIERRO, 2017, p. 10)

O que se evidencia é que, para além de orientações curriculares nacionais específicas que poderiam ser produzidas pelo governo federal para ampliar o diálogo sobre a modalidade, é necessário que se constituam meios para que em cada um dos municípios brasileiros se possa criar uma rede educacional para jovens e adultos que esteja preparada para atender à diversidade de públicos e leve em conta também as pretensões de jovens e adultos ao retomar os estudos.

É necessário que seja possível atender populações ribeirinhas, trabalhadores rurais e urbanos, jovens que foram expulsos do sistema regular, infratores, mães que abandonaram os estudos para cuidar dos filhos, idosos, população LGBT, enfim, todos aqueles que tiveram seu direito à educação cerceado em diversos contextos. Certamente, a BNCC terá uma fraca relevância de sentido, pois é preciso definir currículos localmente, renunciando aos conteúdos convencionais das escolas para escolher aqueles que melhor possam fazer com que estes diversos sujeitos possam de fato avançar em suas possibilidades em termos pessoais e profissionais.

Para Mota Neto (2005 *apud* SILVA, 2017) vale mencionar um dos conceitos relacionados aos direitos humanos, que Katerina Tomasevski define como adaptabilidade. Segundo ela, não são os sujeitos que devem se adaptar às instituições e às políticas, mas o inverso, ou seja, as instituições precisam criar propostas e programas que se adaptem às possibilidades e às condições de vida dos sujeitos. Caso isso não ocorra, estaremos sempre promovendo a exclusão.

Neste sentido, a Educação de Jovens e Adultos poderia se aproximar de alguns dos pressupostos da educação popular, que, sem estar preocupada com a escolaridade formal, propõe o diálogo com os educandos e considera suas demandas como princípio educativo.

A educação popular pugna pela valorização das experiências de vida e dos saberes dos jovens e adultos, pelo diálogo entre professor e aluno, pela relação entre os saberes científicos e populares, pela adoção de metodologias ativas, críticas, criativas, investigativas e problematizadoras. (MOTA NETO, 2017, p. 155)

Paulo Freire também realiza esta conexão entre a educação popular e a Educação de Jovens e Adultos, na perspectiva de que não é possível realizá-la sem levar em conta as especificidades de seus sujeitos. Não é possível a educadoras e educadores pensar apenas os procedimentos didáticos e os conteúdos a serem ensinados aos grupos populares. Os próprios conteúdos a serem ensinados não podem ser totalmente estranhos àquela cotidianidade.

O que acontece, no meio popular, nas periferias das cidades, nos campos – trabalhadores urbanos e rurais reunindo - se para rezar ou para discutir seus direitos – nada pode escapar à curiosidade arguta dos educadores envolvidos na prática da Educação Popular. Assim, é necessário que educadores da EJA se mobilizem e tomem posição para construir uma Educação de Jovens e Adultos que esteja a serviço do desenvolvimento de jovens e adultos com aspirações diversas: ingressar em uma universidade, melhorar suas possibilidades de inserção no mercado de trabalho ou avançar em sua aprendizagem para ampliar sua participação na sociedade.

Para tanto, sabemos que a Base Nacional Comum Curricular tem pouco a contribuir. Entretanto, a ausência da modalidade dos documentos curriculares também expressa um descaso com esta enorme fatia da população que vem tendo historicamente cerceado o seu direito à educação em algum momento da vida.

3. FERRAMENTAS RELACIONADAS AS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO (TIC'S) NA MODALIDADE DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

As TIC's podem contribuir para o acesso universal à educação, a equidade na educação, a qualidade de ensino e aprendizagem, o desenvolvimento profissional de professores, melhorar a gestão educacional ao fornecer a combinação certa e organizada de políticas, tecnologias e capacidades. A equipe que deve compor o quadro de funcionários de uma escola, deve ser sólida e formada por professores, pedagogos, técnicos educacionais, diretoria, secretaria. Eles devem possuir ensino superior na área em que lecionam, a maioria deve ser formada em universidades de grande renome, como as federais e estaduais.

Os docentes, nas universidades devem contar com uma formação profissional sólida, ou seja, possuir uma carga de conhecimento técnico acumulado e experiências culturais e sociais que os levem a um outro nível de se reportarem e dar suporte aos alunos, onde deve ser de maneira bastante interativa, mas não deixando de lado suas autoridades e primando sempre pelo respeito à hierarquia. Veja abaixo alguns exemplos de Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) e perceba como elas permeiam a realidade escolar e educacional que, por vezes confundem-se com os aspectos que envolvem nossa própria vida cotidiana, ficando difícil de dissociá-las.

3.1 O uso do celular como ferramenta motivadora no processo de ensino-aprendizagem

Vivencia-se em uma sociedade em que as Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC's) passaram a fazer parte do nosso dia a dia, tornando-se quase que impossível vivermos sem elas, como por exemplo, ao irmos ao caixa eletrônico, ao acessarmos à internet, ao usarmos o smartphone etc. Enfim, as TIC's tornaram-se uma realidade e a escola não pode ignorá-las, sendo urgente a necessidade de trazê-las para o ambiente educacional.

A escola que, por muito tempo foi resistente e indiferente às mudanças e que está inserida dentro dessa sociedade da informação e comunicação, não pode ficar alheia às essas constantes mudanças tecnológicas que ocorrem fora dela, tendo como principal desafio incorporar as tecnologias ao processo de ensino-aprendizagem (COSCARELLI, 2010, p. 521).

Na atualidade, muitos alunos possuem um smartphone ou tablet com acesso à internet, porém o seu uso em sala de aula ainda é visto com muita resistência por uma grande quantidade de docentes e, por isso, a maioria das escolas ainda hoje proíbe o seu uso em sala de aula. Mas,

quando o aluno consegue perceber que o conteúdo que ele está aprendendo na escola faz parte do seu mundo fora da escola, esse aluno passa a interessar-se mais e ter uma participação ativa no processo de ensino-aprendizagem. Sendo assim, a escola segundo Coscarelli (2010, p. 524)

[...] precisa de ideias, projetos e pesquisas que possam lhe oferecer apoio, auxiliando, assim, a reflexão sobre a melhor forma de usar essas tecnologias como recurso didático e sobre como a escola pode ajudar seus alunos a desenvolver competências e habilidades importantes para o letramento digital.

Ainda de acordo com Coscarelli (2010, p. 524), “[...] a escola não deve perder essa oportunidade de incorporar as novas tecnologias, sobretudo as digitais, em suas práticas educativas”. Dessa forma, a escola deve incorporar o uso do celular nas práticas educativas dos alunos, pois, de acordo com a Proposta Curricular do Ministério da Educação para a Educação de Jovens e Adultos, as TIC “[...] são poderosos instrumentos aos quais os alunos da educação de jovens e adultos precisam ter acesso” (BRASIL, 2002, p. 96).

Figura 1. O celular e suas funcionalidades.



Fonte: Google Imagens. (<https://www.noticiasead.com.br/noticias/2663-74-estudam-pelo-celular-no-ensino-medio>) acessado em 15 de abril de 2022.

Não é verdade que o aparelho celular só vem a prejudicar o aprendizado nas aulas, principalmente nas de língua portuguesa. Onde há uma cobrança por se falar e expressar-se bem. Ao contrário, este aparelho pode ser um recurso didático a ser utilizado em diferentes momentos na escola, desde que conste no planejamento do plano de aula do docente e da instituição escolar.

Este é um viés muito importante e que deve ser abordado dentro desta temática, pois sabendo como pode ser encaixado e abordado no planejamento do professor fica mais relevante e acessível aos alunos. E, tão logo, potencializam-se as mais variadas possibilidades de se

utilizar um celular em sala de aula e fora dela, seja de aparelhos mais simples e baratos até os mais modernos e com preços exorbitantes.

Um celular simples, por exemplo, que tem como aplicações, a calculadora, o conversor de moeda, de comprimento, de peso, de volume, de área, e de temperatura, tem também a contagem regressiva e o cronômetro, podendo assim auxiliar nas mais diversas atividades na sala ou fora dela. E os aparelhos mais modernos possuem, além disso, tudo como aplicações, também o tradutor de línguas que bastante conhecido por ser utilizado no Google, mais que em alguns não têm necessidade da internet para o uso, o gravador de voz, a filmadora a câmera, e a internet, o que pode tornar as aulas mais interativas e dinâmicas.

Diante de um leque de possibilidades e mediante as facilidades da utilização de diferentes aplicativos do celular, fica nítida para nós a possibilidade de sua utilização em sala de aula desde a calculadora ao acesso de bibliotecas virtuais e tudo isso depende da forma como o professor usa a tecnologia para si mesmo em sua sala de aula e com os seus alunos.

Para tanto se faz necessário, nós professores, estimularmos nossos alunos a estimulá-los a utilizarem os recursos tecnológicos disponíveis dos aparelhos eletrônicos trazidos pelos discentes à sala de aula, associando-os ao seu cotidiano, despertando o prazer e o interesse aos conteúdos curriculares aplicados na disciplina de Língua Portuguesa, remetendo melhor ao aluno reflexões sobre a temática aplicada pelos professores.

Para Ferreira (2012, p. 458) afirma que “[...] em curto prazo, cada criança estará conectada, a partir de sua casa, à melhor oferta educativa on-line, seguindo seu próprio ritmo de estudo”. Por isso, faz-se necessário que a escola, urgentemente, inclua as TIC’s no processo de ensino-aprendizagem de seus alunos.

O processo educativo vai além do espaço educativo formal ofertado pela escola. Entretanto, na escola podemos estimular o pensamento crítico, criativo, fortalecendo a formação cidadã ou vivenciar circunstâncias mais restritivas e opressoras da liberdade do pensamento.

Segundo Freire (2008), a educação deve ser não pragmática e não restritiva, estimulando os estudantes para que sejam eles mesmos. A escola foi eleita pela sociedade como espaço formal indicada para sistematização do conhecimento. O que se verifica com o passar dos anos é que a escola segue rituais rígidos de transmissão de conhecimentos e com medo do diferente, mantém relações autoritárias e resistentes em busca de novos e diferentes caminhos.

Moran (2008) considera que mantemos algo que já não acreditamos completamente, mas não ousamos incorporar novas propostas mais adequadas a sociedade da informação e do conhecimento, cada vez mais presente. Somos obrigados a conviver numa conjuntura

constantemente contraditória: de um lado, comportamentos, propostas pedagógicas e currículos cristalizados; de outro o enorme crescimento de novas tecnologias e o acesso a estas tecnologias pelos estudantes.

Com isso, podemos afirmar que a escola precisa evoluir, precisa ser repensada, precisa está ligada à vida, ao cotidiano dos seus estudantes para fazer sentido, ter significado, ser contextualizada. O uso das Tecnologias da Informação e Comunicação Móveis e Sem Fio (TIMS) avolumam os desafios da realidade escolar e os educadores necessitam se adequar a realidade desenhada pelas TIMS. Entre as TIMS, temos o celular, um aparelho popular, com aplicativos que podem vir a ser utilizados em sala de aula como recurso pedagógico. A Agência Nacional de Telecomunicações (ANATEL), revelou que em janeiro de 2017 havia no Brasil 243,4 milhões de linhas ativas na telefonia móvel e tele densidade de 117,65 acessos por 100 habitantes.

Associam-se o crescimento do setor ao aumento da renda da população, uma aparente predisposição cultural dos consumidores em adotarem novas tecnologias e pelo déficit de linhas telefônicas convencionais. Os telefones celulares têm se tornado um aparelho central na construção da identidade dos jovens (CASTELLS et al., 2009). Estes costumam ser mais rápidos ao se apropriar das tecnologias móveis, pois habitam usá-la com intensidade para gravar vídeos, tirar fotos, gravar voz, reproduzir arquivo, ter acesso à internet, às redes sociais, entre outros propósitos.

Outro aspecto importante a considerar, é o poder de convergência que o aparelho celular apresenta, integrando vários recursos como a internet, câmera fotográfica, filmadora, calculadora, relógio, cronometro, gravador de voz, rádio, GPS, e-mail, computador, SMS, wi-fi, editores de textos, softwares, calendário, *bluetooth*, entre outros, que podem dinamizar todo processo de ensino, proporcionando ao educador recursos didáticos que o tornam indispensáveis para a sala de aula da realidade atual (...). (RIBAS, et al., 2012, p. 2).

Apesar de possuírem vários recursos que podem dinamizar o processo de ensino, para Silveira (2009) passaram a ser vistos, pela gestão e pelos docentes de muitas escolas, como um vilão, que atrapalham as aulas. Em alguns estados são proibidos em sala de aula por lei, em outros são proibidos pelos gestores e professores, no entanto, com a forma velada da proibição, uma espécie de “censura”, só quem vem a perder é a educação.

Nessa direção, Silveira (2009) afirma que não tem sentido negar o acesso dos estudantes a um meio de comunicação que vem adquirindo cada vez mais importância na sociedade. Ao invés de proibir porque temos problemas por uso indevido nas escolas, devemos aproveitar para ensinar como as pessoas devem se portar com o celular.

Costa (2012) ressalta, para tentar compreender hoje os dilemas e impasses do uso do aparelho celular no contexto escolar é necessário entender, a priori, que com a invasão do celular na escola, seu “baixo custo” e facilidades, seria um grande desperdício deixá-lo de lado ou mesmo tentar retirá-lo do espaço escolar, pois esta ferramenta pode ser utilizada para o avanço do processo ensino-aprendizagem.

3.2 O uso da televisão no processo de ensino-aprendizagem dos alunos da EJA

Segundo JUNG (2010) A ferramenta chamada televisor, televisão ou também chamada simplesmente de TV, pode ser considerada como a primeira TIC a ser usada pelos educadores nos últimos 100 anos. O debate acerca de cultura visual e sociedade são termos que exigem que se faça uma retomada dos conceitos de sociedade e de cultura. Faz-se necessário dizer que o termo sociedade tem vários sentidos, que pode ser construído tomando-se diversos parâmetros, como o político, o social ou econômico. Por outro lado, sociedade significa isolamento, fragmentação ou atomização de seus membros, forçando o pensamento moderno a indagar como os indivíduos isolados podem se relacionar, tornar-se sócios

Por estas razões, a sociedade se constituiu em objeto de estudo de diversas áreas do conhecimento, a exemplo da Antropologia, da História e da Sociologia. Por conseguinte, o termo cultura é descrito por diversos estudiosos que conceituaram em diversas dimensões, neste caso cultura pode ser definida de diversas maneiras, sendo assim, vai depender da atribuição que se dá a mesma, sociológica, antropológica ou outra.

Cada qual com sua especificidade e contribuindo de forma significativa ao campo desta temática que pretendemos aprofundar. Em seu livro, *Cultura e democracia*, Marilena Chauí lembra que a palavra cultura se origina do verbo latino colere, que significava cultivar, cuidar. Em meados do século XVIII, com a Filosofia da Ilustração, esse termo ressurgiu só com outro significado, o de civilização.

A cultura passa a ser compreendida como o campo no qual os sujeitos humanos elaboram símbolos e signos, instituem as práticas e os valores, definem para si próprios o possível e o impossível, o sentido da linha do tempo (passado, presente e futuro), as diferenças no interior do espaço (o sentido do próximo e do distante, do grande e do pequeno, do visível e do invisível), os valores como o verdadeiro e o falso, o belo e o feio, o justo e o injusto, instauram a ideia de lei, e, portanto, do permitido e do proibido, determinam o sentido da vida e da morte e das relações entre o sagrado e o profano.

Em outras palavras, segundo LIBÂNEO (1994) a cultura é, em suma, produção humana: ideias, valores, estilos, formas de pensar. Nesse sentido, tudo que não é natural é cultural. Por

outro lado, ao falar de cultura é inevitável não a relacionar à sociedade, visto que é esta que faz com que exista e reproduza a cultura.

Com efeito, os termos sociedade e cultura se entrelaçam e complementam-se, fornecendo o entendimento de que não se pode conceber a cultura sem vê-la de forma íntima e interligada no âmbito do sistema educacional, lugar onde ocorre a reprodução intencional e sistematizada do conteúdo simbólico que rege o conjunto das práticas culturais de uma determinada sociedade.

É neste contexto que a questão da imagem visual em geral e o gênero televisivo, em particular, aparece. Na história, expressa o uso da inteligência e da criatividade humana, no sentido de desenvolver a capacidade de comunicação entre indivíduos. Com o passar dos tempos, a imagem foi se transformando.

Primeiro surgiu como desenhos inscritos nas cavernas. Hoje, a imagem visual não tem mais como suporte somente o barro, a pedra, o metal ou o papel. Atualmente, ela tomou forma eletrônica e midiática, a exemplo da imagem 17 televisiva e de seus diferentes gêneros: programas de auditório, filmes, teleteatro, telenovelas e outros.

As imagens visuais atuais são responsáveis pela integração das exposições de artes que pintam as ruas, os prédios, decoram os lugares públicos ou privados, qualquer tipo de instituição, cada qual com suas respectivas características. Com isso, é notório que os produtos são veiculados através das propagandas, ou seja, a cultura visual é produzida, tornando-se assim um acontecimento da sociedade contemporânea:

Constatamos que, segundo LIBÂNEO (1994) na sociedade contemporânea a presença da imagem se intensificou e diversificou. Os motivos e as práticas religiosas concorrem, hoje, outros- ideológicos, políticos, mercadológicos, éticos etc. Nesse contexto econômico, político, cultural, a imagem aparece com uma presença pujante, mediando o jogo de força e de interesses que pautam os cenários sociais e mundiais.

Em sala de aula, conforme IMBERNÓN (2010) muitas são as indagações e até mesmo pressões de alunos, querendo manifestações do professor sobre programas assistidos, cujos heróis e vilões, algozes e vítimas provocam discussões acaloradas, eles procuram como uma novidade positiva que o professor conheça os programas que estão “alimentando” seus alunos. Assim, o docente terá condições de conversar com os alunos sobre eles, podendo identificar a leitura que fazem deles, e seus principais equívocos. A ferramenta principal não será corrigir, desmentir, discordar.

Currículos escolares tentam ignorar que fora da sala de aula as crianças muito aprendem sobre o mundo, que a informação que a mídia lhes lega é acessível. É neste contexto que entra

o planejamento do professor. Como ele deve procurar meios de entender como a escola é. Pode solicitar e/ou estimular competências não para simplesmente ler, interpretar, mas para compreender mensagens audiovisuais que os jovens consomem e com que se envolvem afetivamente. Deve encorajá-los a conhecer a mídia, despertar-lhes o pensamento crítico, analisar o que a TV veicula. O professor necessita se familiarizar com a tecnologia que irá trabalhar para que o uso produza resultados positivos na aprendizagem, antes de ligar o aparelho deve lembrar-se de:

Quadro 1. Planejamento referente ao uso da televisão em sala de aula.

- Gravar o programa e selecionar as cenas que serão exibidas aos alunos, fazendo o recorte dentro dos seus objetivos;
- Planejar as aulas propondo exercícios e atividades relacionadas ao vídeo: eles não podem ser exibidos como se fossem autoexplicáveis;
- Checar a qualidade da imagem e do som;
- Parar a exibição sempre que necessário para comentários ou explicações;
- Pedir para os alunos anotarem as cenas mais importantes, as falas e os detalhes mais marcantes;
- Rever as cenas mais importantes;
- Observar as reações do grupo para voltar aos pontos da exibição que a turma mais se deteve
- Ao adotar a televisão como recurso pedagógico, convém avisar os pais pois eles podem ter preconceitos e achar que a escola está enrolando ao colocar a turma na frente do aparelho "em vez de" dar aula.

Elaborado pela autora, 2022.

Fonte: Revista TV Escola, Curitiba, n. 3, p. 16, nov./dez. 2010.

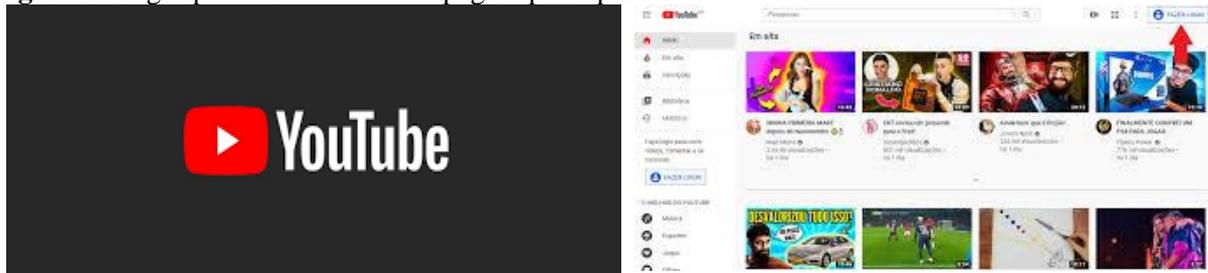
Em função disso, a imagem se tornou um assunto polêmico, uma questão de natureza política. Sobre este assunto: Falar de compreensão da cultura visual torna-se ridículo num momento em que o que parece contar são as guerras políticas e econômicas do mundo das comunicações, quando se trata de determinar quem vai controlar e colocar a seu serviço os benefícios do mercado da globalização na qual seus interesses irão circular por todo o planeta sem travas sem consequência.

Neste contexto, os meios de comunicação serviram como uma vitrine para divulgação do que cada partido político acha que seja bom e correto para a população. Neste caso, a TV se tornou um mercado onde vendas são expostas, opções são mostradas cada um com suas criatividade para chamar a atenção e conquistar o indivíduo que assiste, ou seja, ela cada vez mais vai distanciando a qualidade do que é transmitido e se aproximando cada vez mais da quantidade de telespectadores que se quer alcançar sem pensar e sem se importar com as consequências.

3.3 O uso do Youtube e como ele se enquadra no planejamento do processo de ensino-aprendizagem dos alunos da EJA.

Prender a atenção dos estudantes, que estão cada vez mais conectados, não tem sido uma tarefa fácil para os educadores. O problema se torna cada vez maior conforme os alunos vão ganhando mais idade. Nas salas de aula do ensino médio, é muito comum os professores disputarem a atenção dos estudantes com aparelhos eletrônicos, celulares, tablets, notebooks. Por isso, o momento é propício para tornar a tecnologia - e a sua turma - uma aliada em sala de aula. O uso de recursos tecnológicos que estão presentes no dia a dia dos alunos pode ajudar a aproximá-los dos temas tratados em sala, além de servir como estímulo para o estudo.

Figura 2. Logotipo do Youtube e sua página principal.



Fonte: Google Imagens. (<https://resultadosdigitais.com.br/marketing/como-criar-um-canal-no-youtube/>) acessado em 15 de abril de 2022.

Para encorajar os alunos a usar o Youtube, por exemplo, em sala, pode-se listar alguns bons motivos para incluir a rede social no planejamento do professor ou na rotina dos profissionais da educação.

Quadro 2. Planejamento referente ao uso do Youtube em sala de aula.

1. Pode oferecer conteúdo que sirvam como recursos didáticos para as discussões em aula Incentive os estudantes a participar das aulas compartilhando com eles vídeos que serão relevantes para o contexto escolar. Desde que bem selecionados, os conteúdos audiovisuais podem mostrar diferentes pontos de vista sobre um determinado assunto, fomentando os debates e discussões em sala;
2. Armazenar todos os vídeos que você precisa em um só lugar Se você ainda não é um usuário do Youtube, basta criar uma conta na rede (gratuitamente) para ter acesso às listas de reprodução (lista de reprodução). Elas permitem que você organize seus vídeos favoritos em sequência. Um usuário não precisa selecionar apenas vídeos publicados por ele, ou seja, a playlist de um professor pode conter vídeos publicados por outros membros do Youtube.
3. Outra vantagem de organizar os vídeos em listas é que quando um vídeo termina, o próximo começa sem que sejam oferecidos outros vídeos relacionados, mas que não interessam ao seu propósito didático naquele momento. Ao selecionar o material que será visto pelos alunos, você pode garantir que o conteúdo hospedado em seu canal seja confiável.
4. Montar um acervo virtual de seus trabalhos em vídeo Com uma câmera fotográfica, um celular ou uma câmera de vídeo simples, você pode capturar e salvar projetos e discussões feitas em sala de aula com seus alunos. Com esses registros da prática pedagógica você terá em mãos (e na rede) um material rico, que pode servir como base para uma análise crítica de seu trabalho e dos trabalhos apresentados por seus alunos. Os registros ainda viram

material de referência para toda a comunidade escolar, pois qualquer vídeo armazenado no Youtube pode ser facilmente compartilhado entre os alunos e professores da escola e fora dela.

5. Permitir que estudantes explorem assuntos de interesse com maior profundidade. Ao criar listas de reprodução específicas para os principais assuntos abordados em sala, você cumpre o papel do mediador e oferece aos alunos a oportunidade de aprofundar os conhecimentos a respeito dos temas trabalhados nas aulas. Ao organizar lista de reprodução com vídeos confiáveis e relevantes, você permite que os estudantes tenham contato com os conteúdos que interessam a eles, sem que eles percam muito tempo na busca e na seleção de informações.

6. Ajudar estudantes com dificuldades. Você pode criar uma lista de reprodução com vídeos de exercícios para que os alunos resolvam no contraturno escolar. Esse material serve como complemento para os conteúdos vistos em sala e os estudantes podem aproveitá-lo para fazer uma revisão em casa dos assuntos vistos na escola.

7. Incentivar os alunos a produzir e compartilhar conteúdo. Lembre-se: seus alunos já nasceram em meio à tecnologia. Por isso, aproveite o que eles já sabem e proponha que usem câmeras digitais ou smartphones para filmar as experiências feitas no laboratório de Ciências, para que desenvolvam projetos - como a gravação de um "telejornal" nas aulas de Língua Portuguesa, por exemplo - ou nas apresentações de seminários. O conteúdo produzido pelos estudantes também pode ser disponibilizado na rede - desde que os pais sejam comunicados previamente para autorizar a exibição de imagem dos filhos na rede. Tal ação pode incentivar os estudantes a participar de forma mais ativa das aulas.

8. Permitir que os alunos deixem suas dúvidas registradas. Você pode combinar com seus alunos para que eles exponham as dúvidas no espaço de comentários do canal, logo abaixo dos vídeos. Assim, é possível criar ou postar novos vídeos sobre os assuntos sobre os quais os estudantes ainda têm dúvidas.

Elaborado pela autora, 2022.

Fonte: Revista TV Escola, Curitiba, n. 3, p. 16, nov./dez. 2010

3.4 O uso das redes sociais e como elas se enquadram no planejamento do processo de ensino-aprendizagem dos alunos da EJA.

As redes sociais têm feito sucesso entre pessoas de todas as idades, se você é professor de jovens e adolescentes sabe que o Instagram está em um momento de forte e amplo consumo, entre eles. Então por que não utilizar o Instagram para motivar a aprendizagem? Para Kenski (2010, p. 77) “O Instagram é uma rede social gratuita e online de compartilhamento de fotos e vídeos, de maneira principal. Essa ferramenta também pode ter uma finalidade educativa, podendo ser utilizada de várias maneiras em sala de aula.”

Pode-se começar publicando fotos instantâneas dos trabalhos artísticos dos seus alunos, destacando as habilidades deles. Os estudantes gostam do reconhecimento, além disso, dar visibilidade aos trabalhos deles podem ser extremamente gratificantes, para o aluno, para a família e para a comunidade escolar.

Uma outra forma é começar escolhendo um estudante por semana para ser o responsável pela conta do Instagram na sala de aula e a partilhar fotografias da vida estudantil diária. Ou ainda publicando fotos de uma viagem de campo e/ou eventos da escola. Dará certo se o professor convidar um estudante voluntário para ser o responsável por tirar fotos e compartilhá-las em na conta do Instagram da sala de aula. (KENSKI, 2010, p. 77)

Figura 3. Algumas logotipo das principais redes sociais do mundo globalizado.



Fonte: Google Imagens. (<https://olhardigital.com.br/2021/10/13/internet-e-redes-sociais/70-dos-brasileiros-usou-redes-sociais-como-fonte-de-informacao/>) acessado em 15 de abril de 2022.

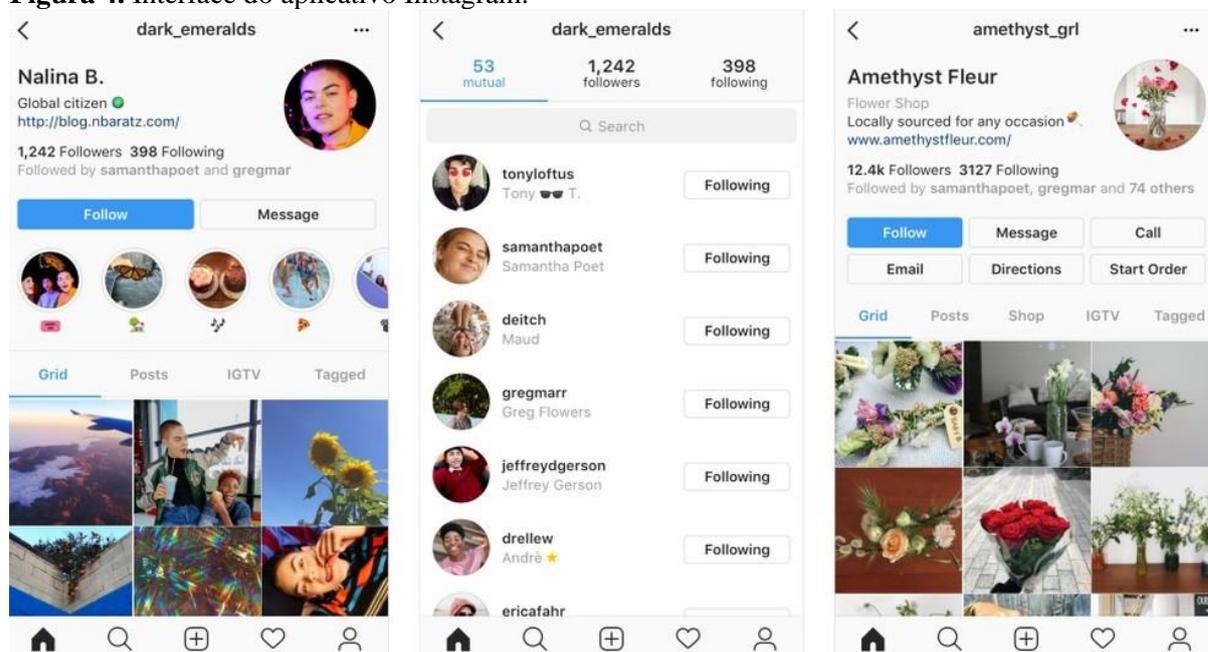
O professor pode pedir aos alunos que procurem fotos históricas de um determinado acontecimento em um determinado período e compartilhem na conta do Instagram com legendas referentes aos fatos. Adicionalmente, crie um concurso das melhores fotos e faça em um cartaz (com as fotos impressas) com os acontecimentos em ordem cronológica. (IENNACO, 2009, n.p.)

O discente também pode compartilhar recomendações de leitura, ou quem sabe, usar os “TBT’s” da vida dos alunos e relacionar com alguma disciplina que estiver ministrando. Além disso pode convidar os alunos a tirar fotos de seus livros favoritos e postar as fotos com uma pequena sinopse do livro. Fazendo-se uso do Instagram ou do Facebook.

Iennaco, (2009, p.42) afirma que cada sala pode ter o seu próprio Facebook e, divididos em grupos, os alunos devem ficar responsáveis pelas postagens. Os temas são escolhidos pelos professores e vão desde questões gramaticais a produções textuais. Todos os trabalhos serão apresentados na internet. Como os discentes têm consciência da exposição gerada pelo

Facebook, certamente serão mais cuidadosos no momento dos posts, o que implicará mais pesquisas e cuidados com a questão ortográfica.

Figura 4. Interface do aplicativo Instagram.



Fonte: Google Imagens. (<https://www.techtudo.com.br/noticias/2019/06/instagram-muda-visual-do-perfil-veja-como-fica.ghtml>) acessado em 15 de abril de 2022.

Os filmes despertam muito interesse nos alunos e se suas exibições forem aliadas ao Facebook, isso trará um retorno de aprendizagem positivo. Por exemplo, escolha um filme que seja interessante para a idade da turma, passe-o para a sala e depois o explore no Facebook.

Para (IENNACO, 2009, p.172) Essa exploração pode ser feita através das produções de resenhas, que devem ser lidas e comentadas pelos colegas, ou simplesmente através de comentários a respeito do filme. É interessante que seja revisada a estrutura do parágrafo argumentativo para que os comentários sejam embasados e não se limitem a expressões como “Adorei”, “Odiei”, “Gostei mais ou menos” etc., que são, infelizmente, tão típicas. É importante trabalhar com a argumentação, enfatizando que todos os posicionamentos precisam ser justificados.

Para (GIL, 2010) Os gêneros textuais também podem ser trabalhados aliados ao Facebook. Por exemplo, após a explicação sobre o gênero biografia, solicite que pesquisem e que produzam biografias de diferentes escritores para postarem no Facebook. Assim, o conhecimento será ampliado, pois todas as biografias serão lidas por todos da sala.

Além disso, é possível promover concursos de paródias, de poemas, contos, crônicas, enfim, é possível explorar os mais diferentes gêneros textuais. As possibilidades são variadas e

podem ajudar muito na aprendizagem dos alunos. Os desafios são grandes, mas não são intransponíveis. O importante é ousar e não desistir. O primeiro passo é muito importante e aprender com os erros também. Aquilo que não deu muito certo na primeira tentativa sairá melhor na próxima, até que o sucesso seja total. (KENSKI, 2010, p. 77). A seguir o WhatsApp será abordado com outra ferramenta útil, atualmente.

Figura 5. Interface do aplicativo Instagram.



Fonte: Google Imagens. (<https://olhardigital.com.br/2020/08/21/videos/nova-interface-do-facebook-chega-a-todos-os-usuarios/>) acessado em 15 de abril de 2022

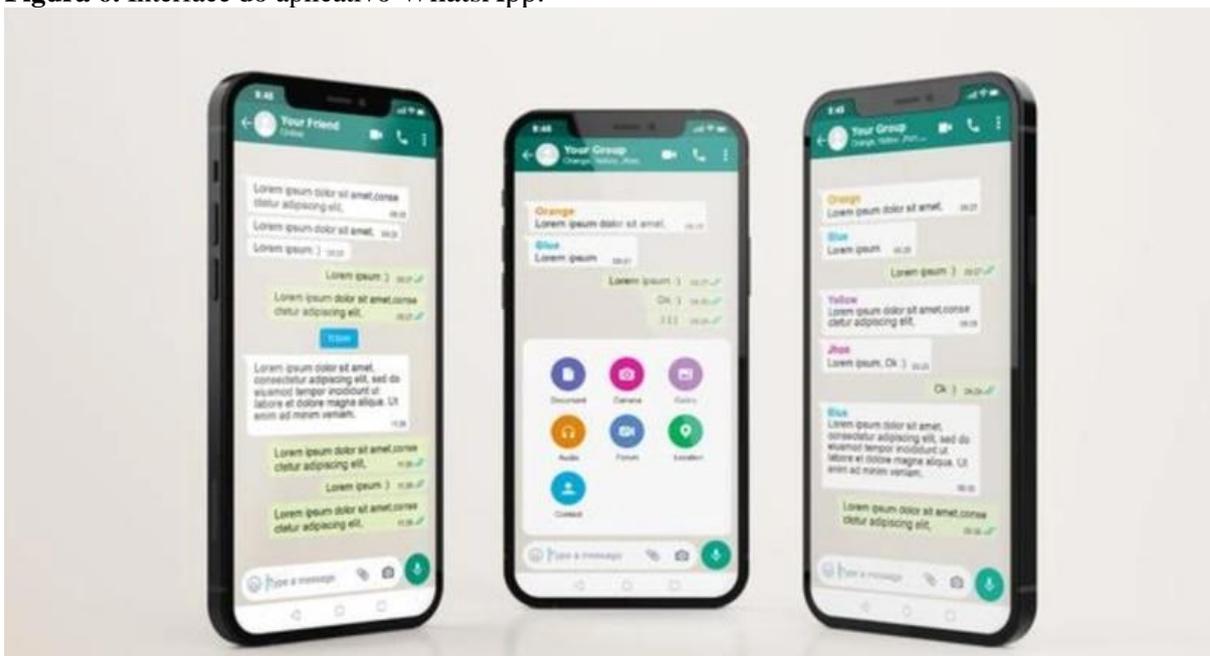
Segundo Kenski, (2010, p. 72) O WhatsApp está fazendo parte de uma espécie de revolução tecnológica: games, realidade virtual, formas de comunicação. Os espaços e os tempos educacionais não são mais os mesmos, baseados na presença e oralidade, onde professores falam e alunos escutam. São substituídos por trocas que se distribuem em tempos e espaços extraclasse, materializadas na escrita impressa, hipertextual e audiovisual, com imagens e sons, gravados ou sincrônicos, que podem ser lidos, vistos, ouvidos e modificados das mais diversas formas em redes de aprendizagem nas quais professores e alunos se comunicam e se ensinam mutuamente.

No contexto da escola e da Tecnologia Necessidade de incorporação de novas linguagens, pode-se levar para dentro da sala de aula as mídias e suas mensagens; considerá-las como fatores de integração escolar e curricular; provocar interação entre disciplinas e

metodologias, entre alunos e professores; estimular a motivação e o interesse dos alunos; desafiar os professores a se apropriarem dessas novas ferramentas.

O WhatsApp nos processos formativos na Educação Básica, pode ser embutido como em grupos para utilização da linguagem culta (invertendo a lógica da comunicação rápida). considerando-se a ideia que pode surgir, por exemplo, a partir do conteúdo em que a professora estava ensinando em sala de aula – linguagem culta e este pode ser discutida em um grupo de alunos que pega o mesmo ônibus para ir embora”.

Figura 6. Interface do aplicativo WhatsApp.



Fonte: Google Imagens. (<https://www.metroworldnews.com.br/estilo-vida/2022/01/24/app-whatsapp-vai-liberar-atualizacao-com-nova-interface-em-breve/>) acessado em 15 de abril de 2022

Orientação de estudos do WhatsApp tem como foco neste planejamento de pesquisa de campo a característica de um plantão de dúvidas de matemática em tempo real[...] aplicativo de comunicação virtual permite o envio de texto, vídeo, áudio e imagens, algo bem versátil para a promoção da interação dos estudantes acerca de uma questão a ser deliberada entre eles mediante um facilitador (professor) dinâmico e criativo no pôr o conteúdo em investigação. É viável a utilização deste recurso na medida em que muitos estudantes possuem celulares que acessam este aplicativo, tendo nisto sua viabilidade, além de atrair a atenção dos estudantes por se tratar de algo inovador, enquanto estratégia de ensino.

4. CONCLUSÃO

À medida que o sistema educacional utiliza das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem há uma diminuição da exclusão digital, e do analfabetismo funcional, e desta forma a educação ultrapassa as paredes das salas de aula, os especialistas costumam estar de acordo com um ponto básico, o computador pode, sim, dar contribuições relevantes à sala de aula, mas tudo depende de como se faz o uso da tecnologia, nesse contexto a postura do docente muda, ele precisa ser instruído a ser mediador dessas novas tecnologias. E ter a consciência de que o bem-estar de seus alunos será um fruto colhido e que as sementes serão semeadas para sempre em uma tão sonhada qualidade de vida, o que para muitos será uma conquista.

Constatou-se durante a discussão de dados nas referidas obras acadêmicas que, alguns, quiçá muitos professores, não tiveram ou não simpatizam com as teorias de autores e especialistas nas concepções pedagógicas que nos direcionam a um fator de consciência que nós educadores devemos ter, o de nos importarmos com as dificuldades e anseios dos alunos.

Como eles enxergam o futuro, como pretendem romper as correntes da pobreza e da marginalização que os cercam. Logicamente que estamos nos referindo ao aluno de escolas públicas, aquelas bem afastadas dos grandes centros urbanos, em áreas suburbanas e periféricas, as as perspectivas de vida não são muito animadoras e o grau de criticidades de seus moradores atinge baixos níveis de qualidade de vida.

Preocupar-se em elevar o nível de qualidade de seus alunos, nem que seja a longo prazo, faz parte do papel social do professor. Apresentar aos alunos novas formas de conhecimentos técnicos, científicos, metodológicos, de informação e de comunicação, como o uso de tablets, not books, aparelhos de blue-ray, bluetooth, de sons, de rádio, de laboratórios, e todos os demais dentro do conceito de TICs devia ser pré-requisito nas grades dos cursos de formação superior.

REFERÊNCIAS

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 14724: **informação e documentação**: trabalhos acadêmicos e apresentação. 2. ed. Rio de Janeiro: ABNT, 2014.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 10520**: apresentação de citações em documentos. Rio de Janeiro: ABNT, 2014.

ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **Filosofia da Educação**. 2.ed.rev. e ampl. São Paulo: Moderna, 1996.

AZEVEDO, Antulio José de. BELGAMO, Thais Cavalcanti. BORANGA, Mirian Costa. MARTINS, Bruna Marcela. **REVISTA CIENTÍFICA ELETRÔNICA DE PEDAGOGIA – ISSN: 1678-300X**. Ano XI – Número 21 – janeiro de 2013 – Periódicos Semestral.

BRASIL. Assembleia Nacional Constituinte. Constituição da República Federativa do Brasil. Atualizada até Emenda Constitucional nº 38, de 12/06/02. Brasília: Diário Oficial da União de 05/01/88.

BRASIL. Congresso Nacional. Lei nº 9.394/96, de 20/12/96. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília: Diário Oficial da União de 23/12/96.

BRUNS, M. A. de T. & ABREU, A. S. O envelhecimento: Encantos e desencantos da aposentadoria. **Revista da ABOP**, 1(1), 1997.
<https://www.portaleducacao.com.br> > Home > Artigos > Educação e Pedagogia.

CARBONE, Solange Aparecida Beletato. **DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UMA REFLEXÃO COM ALFABETIZADORES DA EJA**. Medianeira-PR, 2013.

CHAGAS, Catarina. Novas perspectivas tecnológicas. Revista TV Escola, Curitiba, n. 3, p. 16, nov./dez. 2010

(Castells, 2009). Smartphone technology is compelling and has a lot of storage space and processor proficiency as well as it provides improved communication and interactive program capacities (Vo et al., 2009)

COSTA, Marisel Estevão; PIVA, Solange Zanatta. O uso do smartphone por adolescentes: a percepção dos pais. Psicologia-Tubarão. p. 1-21. 2020. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/10440>. Acesso em: 04 fev.2021.

COSCARELLI, Carla Viana. A cultura escrita na sala de aula (em tempos digitais). In: MARINHO, Marildes; CARVALHO, Gilcinei Teodoro. (Orgs). Cultura escrita e letramento. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010. (p. 513 – 526).

DI PIERRO, M.C.; VOVIO, C.L.; ANDRADE, E.R. Alfabetização de jovens e adultos no Brasil: lições da prática. Brasília: Unesco, 2008.

FERREIRA, Cleiton Pons; CARVALHO, Fernanda Antoniollo Hammes de. O uso de mapas mentais no ensino técnico para a otimização do perfil empreendedor do profissional do século XXI. Revista Eletrônica Técnico-Científica do IFSC, Florianópolis, p. 1-9. 2012.

FREIRE, Paulo. Medo e ousadia. São Paulo: Editora Paz e Terra, 2008a

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisas**. 4. ed. 11. reimpr. São Paulo: Atlas, 2010.

IENNACO, Juliana de Paula. Tecnologias na Educação: a importância das novas mídias na formação do professor e seus desdobramentos no universo escolar. Disponível em <http://www.webartigos.com/artigos/tecnologias-na-educacao-aimportancia-das-novas-midias-na-formacao-do-professor-e-seus-desdobramentosno-universo-escolar/29155/>

IMBERNÓN, Francisco. **Formação docente e profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2010.

JUNG, Maria Cristina & KASPER, Patricia Penha. TIC – Tecnologias da Informação e Comunicação: contemporaneidade educacional. Disponível em <http://cristijung.blogspot.com.br/2010/07/tic-tecnologias-da-informacao-e.html>.

KENSKI, Vani Moreira. Tecnologias e o ensino presencial e a distância. 9 ed. Campinas, SP: Papirus, 2010.

LIBÂNEO, José Carlos. **Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos**. 28ª edição. São Paulo, 1994: Edições Loyola.

LUCKESI, Cipriano Carlos. **Filosofia da Educação**. 19r. São Paulo: Cortez, 2003. <https://www.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/educacao/pedagogia/32706>

MIRANDA, Leila Conceição de Paula; SOUZA, Leonardo Tavares de; PEREIRA, Isabella Rodrigues Diamantino. **A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DA EJA NO BRASIL E SUAS PERSPECTIVAS NA ATUALIDADE**, Montes Claros, 2016.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos; BEHRENS, Marilda. Novas tecnologias e mediação pedagógica. 21ª edição, Campinas: Papirus, 2013.

MOTA NETO, J. C. A educação popular e o desenvolvimento de propostas pedagógicas na Educação de Jovens e Adultos. In: CATELLI JR., R. (Org.). **Formação e práticas na Educação de Jovens e Adultos**. São Paulo: Ação Educativa, 2017.

NOBRE, Moacyr Roberto Cucê. **Qualidade de vida.**, volume 64, nº 4. São Paulo – SP, 1995.

OLIVEIRA, Cláudio de. MOURA, Samuel Pedrosa. SOUZA, Reginaldo Oliveira de. **tic's na educação: a utilização das tecnologias da informação e comunicação na aprendizagem do aluno**. Periódicos.PUCminas.br/index.php/pedagogiação. 2015

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia: 37 ed. São Paulo: Cortez, 1989.

SILVEIRA, D. T., & CÓRDOVA, F. P. A pesquisa científica. Métodos de pesquisa. Porto Alegre: Editora: UFRGS 2009

SILVA, Marli H. K DA. Professora de Educação Física aposentada, especialista em Educação Especial. Disponível em: <https://profemarli.com/lugar-da-eja-na-bncc>

RIBAS, D. A docência no Ensino Superior e as novas tecnologias. Revista Eletrônica Latus Sensus, ano 3, n. 1, mar. 2008. Disponível em: Acesso em: 02 jan. 2022.